



Saúde mental, conexão de afetos e a pandemia

Mental Health, Emotional Relations and the Pandemic



René Dentz

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

E-mail: dentz@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4842-0827>



Resumo

O contexto da pandemia trouxe de volta o desamparo fundante do sujeito, retomando o conceito afirmado por Freud em *O mal-estar na civilização*. Nele, o psicanalista austríaco enuncia a angústia real tendo como consequência um impacto traumático. Para além disso, a marca psíquica do masoquismo é igualmente reativada, pela fantasia de se imputar o sofrimento, que se torna quase um imperativo social. É evidente que se nesse contexto o sujeito crê ainda em uma espécie de apelo ao Outro – por meio da dimensão de cuidado e de segurança, a vulnerabilidade e a ausência dessa instância de proteção conduzem o indivíduo à condição subjetiva do desalento e, porta, como consequência, uma sensação de fragmentação e de desconstrução (mais profunda ainda do que aquela advinda da pós-modernidade).



Abstract

The context of the pandemic brought back the basic helplessness of the subject, resuming the concept stated by Freud in Civilization and its Discontents. The Austrian psychoanalyst refers to the real anguish whose consequence is traumatic. Moreover, the psychic mark of masochism is also reactivated by the fantasy of attributing suffering, which becomes almost a social imperative. It is evident that if in this context the subject still believes in a kind of appeal to the Other—through care and security—, the vulnerability and absence of this instance of protection lead the individual to the subjective condition of discouragement and, consequently, to a feeling of fragmentation and deconstruction (even deeper than that arising from post-modernity).



Key words

Afetos; pandemia; tecnologia; educação; trabalho.
Affections; pandemic; technology; education; employment.



Fechas

Recibido: 18/07/2022. Aceptado: 19/01/2023



1. Introdução

Os anos de 2020 e 2021 serão lembrados pela pandemia do coronavírus. Vivemos momentos intensos de sentimentos e afetos variados: medo, esperança, incerteza, pânico, serenidade, compaixão. Muitos processos iniciados há anos foram acelerados. Parcela significativa da população fez agora sua primeira compra *online*, apesar de o comércio eletrônico ser uma realidade há mais de década. Agora, igualmente, muitos fizeram seu primeiro treinamento ou aula ou curso a distância. No campo terapêutico, percebemos hoje que terapia ou análise *online* passaram a ser uma realidade que cada vez mais mostra sua eficácia. O mundo não presenciará uma virada radical ao universo *online*, em substituição ao presencial. No entanto, o virtual se apresenta como expansão de possibilidades, compartilhando espaço com as realidades presenciais. Um mundo híbrido está se configurando.

Os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e a observação derivada da clínica psicanalítica.

2. Pandemia, conexão de afetos e tecnologia

Talvez a palavra mais significativa desses tempos e dos próximos seja “ruptura”

É interessante notar também que passamos por transformações e mais tantas outras estão em curso. Talvez a palavra mais significativa desses tempos e dos próximos seja “ruptura”. O mundo apresenta transformações lentas que em algum momento se tornam realidades comuns. A internet das coisas está aí, pouco a pouco vamos incorporando-a ao nosso cotidiano. Muitos analistas de tecnologia acreditam que o ano de 2025 será de

mudanças impactantes à humanidade, pois a Inteligência Artificial deixará seu lugar de pesquisa, estudos e experimentos e se apresentará na prática. Reflexo desse fato será a realidade dos carros autônomos. As pessoas terão que aprender a lidar mais ainda com a sua subjetividade. Profissões repetitivas tendem a desaparecer, mas outras que dependem do emocional e do criativo crescerão (ou mesmo surgirão).

A sensação de muitos é que o trabalho agora não tem mais limite, as resoluções de problemas são entendidas a partir de flexibilidade máxima de horário. Antes da pandemia, já vivíamos em uma sociedade do cansaço, como dizia o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Para ele, vivemos hoje em uma sociedade que nos leva à exaustão, cobramos em excesso de nós mesmos, a ponto de termos a sensação de inutilidade quando não estamos produzindo.

Hoje a pessoa explora a si mesma achando que está se realizando; é a lógica traiçoeira do neoliberalismo. E a consequência: Não há mais contra quem direcionar a revolução, a repressão não vem mais dos outros. É “a alienação de si mesmo”, que no físico se traduz em anorexias ou em compulsão alimentar ou no consumo exagerado de produtos ou entretenimento. A internalização psíquica é um dos



deslocamentos topológicos centrais da violência da modernidade . . . ela provê mecanismos para que o sujeito de obediência internalize as instâncias de domínio exteriores transformando-as em parte componente de si. Com isso, exerce-se o domínio com muito menos desgaste. Também a violência simbólica é uma violência que se serve do automatismo do costume. Ela se inscreve nas coisas autoevidentes e naturais, nos modelos de percepção e de comportamento que se tornam hábito. (Han, 2017, pp. 22-23)

Exatamente o que vivenciamos na pandemia...

O indivíduo busca a realização a partir de máxima produtividade, se alienando, nunca tendo possibilidade de refletir sobre seu próprio desejo. Aliás, algumas vezes ele procura um autoconhecimento para isso, mas já inserido em uma visão viciada de conceitos prontos da gestão (como inovação, pró-atividade, liderança, inteligência emocional). É uma busca em círculos, sem liberdade.

A ciência, a tecnologia e a inovação estão subordinadas a um modelo de sociedade pautado pela lógica do capitalismo. Por isso, a indústria 4.0 está aumentando a distância entre os conectados-integrados pela tecnologia e os desinformados-desintegrados sem condições de interação com a sociedade. As tecnologias digitais reforçam o apartheid do conhecimento. (Gasda, 2022, p. 291)

O mundo caminha para uma mais ainda profunda padronização, uma vez que a eliminação das diferenças e do outro interessam ao mercado

Dessa forma, o mundo caminha para uma mais ainda profunda padronização, uma vez que a eliminação das diferenças e do outro interessam ao mercado. Por mais que tenhamos sociedades plurais, os modos de vida e de pensamento parecem se uniformizar, até mesmo os sentimentos e as patologias. “Quanto mais iguais são as pessoas, mais aumenta a produção; essa é a lógica atual; o capital precisa que todos sejamos iguais, até mesmo os turistas; o neoliberalismo não funcionaria se as pessoas fossem diferentes”. O que temos hoje é um pluralismo permitido

a alguns grupos, vivendo em seu padrão de consumo, em sua identidade e em suas respectivas bolhas.

É claro que o mundo apresenta diversas sociedades com características e tempos distintos. Não é razoável comparar culturas e tradições. Por isso, me detenho à sociedade brasileira, o que não deixa de servir para outras sociedades similares.

A pós-modernidade se mostrou como possível resposta ao desafio de fundamentar todo o conhecimento e a existência na razão. Então, como sustentar a vida sem fundamento? Se a modernidade pretende elevar a racionalidade no sentido da história e da vida humana, a pós-modernidade contesta a possibilidade desse empreendimento, o que não significa que a modernidade tenha perdido o direito à palavra ou não tenha a capacidade de mais nada contribuir. (Dentz, 2019, p. 21)



Mesmo que existam problemas e desafios enormes na contemporaneidade há uma evolução de ideias e conceitos. As ideias de liberdade e igualdade não estão concretizadas, mas estão no horizonte. Mesmo que haja retrocesso (porque a História funciona em forma espiral) a evolução é inerente. No campo psíquico, há um enorme desafio de lidar melhor com um mundo acelerado e sem objetivos claros. Esse mundo apresenta um índice elevado de depressão, bem como muitas soluções (falsas) para ela. Mesmo assim, por que então mantermos o otimismo? Porque as soluções frágeis, como autoa-

Por mais que tenhamos conquistado liberdade, autonomia e que o mundo virtual tenha aproximado as pessoas em certo sentido, é preciso que entremos no nível das relações humanas de afetos e afetações

juda, excesso de medicamentos e consumo, são soluções também perenes, que se esgotam rapidamente quando demonstram ser ineficazes em um período mais longo. No fundo, as pessoas começam a perceber que é preciso encontrar soluções em processos que fogem a fatores externos e miméticos, que as soluções estão próximas, mas são inconscientes. As tecnologias são transformadoras, sempre apresentarão elementos novos às sociedades, mas o humano prevalece.

O mundo virtualizado pode ser um grande problema e pode trazer sérias consequências para a saúde mental. O ser humano é feito de carne e osso, de corporeidade, de elementos reais e não imaginários. Assim, o excesso pode esconder grandes problemas e até mesmo traumas do passado. Por isso tem crescido o número de adolescentes que se automutilam, pois o “corpo pede a conta”. Por mais que tentemos viver exclusivamente (ou o maior número de horas possíveis) no mundo virtual, temos necessidades humanas básicas e fundantes da nossa existência. Precisamos, antes de tudo, de afetos!

Temos aqui, portanto, o essencial: no mundo da técnica, ou seja, a partir de agora, no mundo todo, já que a técnica é um fenômeno sem limites, planetário, não se trata mais de dominar a natureza ou a sociedade para ser livre e mais feliz. Por quê? Por nada, justamente, ou antes, porque é simplesmente impossível agir de modo diferente devido à natureza de sociedades animadas integralmente pela competição, pela obrigação absoluta de “progredir ou perecer”. (Ferry, 2012, p. 143)

Por mais que tenhamos conquistado liberdade, autonomia e que o mundo virtual tenha aproximado as pessoas em certo sentido, é preciso que entremos no nível das relações humanas de afetos e afetações. O que acontece, em muitos casos, são pessoas que postam constantemente em redes sociais, mas esses atos não passam de um mecanismo de espelho, de um narcisismo desenfreado. Não há conexão humana nesses casos, mas apenas uma relação monológica. O mundo virtual pode, por outro lado, significar ampliação de conexões, troca de ideias e de afetos, conhecimento de novas formas de vida.

Cabe uma urgente reflexão: a quem estamos afetando com nossa existência? Positiva e negativamente? Essa resposta pode ser mais clara e deve começar mesmo ser respondida pela família ou pelos amigos mais próximos, ou mesmo pessoas que vivemos



cotidianamente. Atitudes dos pais afetam os filhos, pois estes ou estão em processo de formação de personalidade ou, caso tenham passado essa fase, estão conectados, em diversos níveis, à figura materna e paterna. Essas figuras habitam em nós. Mas não são só eles. Assim como habitamos em muitos outros. Nossas palavras ecoam, ecoam, podendo seguir um horizonte infinito.

A subjetividade colonizada se impõe contra a diversidade cultural. Sendo assim, não será apenas com outra racionalidade que será superada a epistemologia moderna, essa que tem servido para justificar tanta violência e agressões aos Direitos Humanos. Para mexer em crença, é preciso mexer em subjetividades e fomentar novas práticas culturais, bem como novas relações e estruturas sociais, econômicas e políticas que viabilizem a vivência de outras crenças. (Laureano, 2015, p. 117)

Algumas profissões, por exemplo, afetam de forma intensa. De alguma forma, professores do passado nos influenciam em pensamentos, emoções e possibilidades de vida. Muitas vezes eles nos abrem horizontes, dimensões de existência. Quantas vidas, trajetórias e destinos podem ser impactados, alterados e ressignificados por ensinamentos de um bom mestre. Quanta diferença faz um professor que acredita no potencial humano, que aposta em sua capacidade e luta por ela. As afetações são muitas vezes imperceptíveis, impossíveis de serem determinadas em um nexos causal. Mas elas existem!

As afetações são muitas vezes imperceptíveis, impossíveis de serem determinadas em um nexos causal. Mas elas existem!

3. Educação real-virtual?

No século XX, o ser humano se questionou sobre a importância da educação e da sua funcionalidade a partir dos resultados catastróficos das grandes guerras mundiais. O que levou ao importante filósofo alemão Theodor Adorno afirmar que o modelo educacional mais urgente seria aquele que levasse a evitar uma nova catástrofe ética daquele porte, “evitar Auschwitz”.

Sem dúvida o século XX e o século XXI apresentaram e apresentam cada vez mais inovações e avanços inimagináveis. A educação (formal e não-formal) tem permitido o surgimento do novo. No entanto, paradoxalmente, nunca tivemos tantos casos de ansiedade e depressão na história da humanidade! E o que a educação tem a ver com isso?

Ora, certamente se ela tem tantas pretensões, como contribuir para a formação de uma sociedade melhor e para o ser humano de uma forma integral, então se ele não está bem, os processos educativos também não podem estar.

É preciso então, como em vários campos na pós-modernidade, ter menos pretensões e imaginar menos controle paranoico dos processos (que muitas vezes são caóticos). Assim, a escola não pode, por exemplo, pretender oferecer felicidade aos seus alunos,



Crítica, alteridade,
personalidade e criatividade. Eis
os caminhos da educação pós-
moderna

afinal não se trata de um processo inserido na relação ensino-aprendizagem, envolvendo, sobretudo, elementos inconscientes. Quando tenta englobar essa missão, acaba aprisionando sujeitos com método fechados. No entanto, é um fato que hoje percebemos maior demanda pela escola dos fatores emocionais, diria mesmo que o processo de formação da personalidade através do mecanismo edípico é feito, em parte, pelos sujeitos escolares. Assim, a escola precisa estar cada vez menos ancorada em elementos e métodos arcaicos (algumas vezes quase quantitativos).

Como acontece em várias áreas, diante da falta de respostas nos apegamos a modelos ditos como seguros (mas que não passam de construções ilusórias e neuróticas). Por isso, o excessivo número de diagnósticos de transtornos de aprendizagem baseados, em última instância, em análises (em grande parte testes) antigas e pré-compreensivas (que tentam adequar os sujeitos aos seus esquemas). Esquece-se, dessa forma, de entender os sujeitos e a educação como um processo, como fenômeno, que, portanto, envolve diversos elementos em uma complexidade irreduzível.

Crítica, alteridade, personalidade e criatividade. Eis os caminhos da educação pós-moderna... Assim ela volta a contribuir para a formação de um mundo melhor! Docência na pandemia: entre transformações e fragilidades.

Essas contingências todas, já que são múltiplas, fazem com que pensemos naquilo que recentemente, o pensador norte-americano, Jamais Cascio, que escreve sobre a intersecção de tecnologias emergentes e transformação cultural, cunhou como o Mundo BANI. Cascio (2021) propõe esse mundo BANI¹ (Frágil, Ansioso, Não-linear e Incompreensível), para substituir aquilo que ficou conhecido como Mundo VUCA² (Volátil, Incerto, Complexo e Ambíguo), o qual havia sido cunhado nos anos 1990 e foi bastante usado nestas primeiras décadas do século XXI. Entretanto, esse novo conceito, segundo o autor, foi criado para explicar um mundo que foi além da complexidade, e se tornou caótico, especialmente com o advento da pandemia – a qual ainda estamos vivenciando, em agosto de 2021 –, e cujas incertezas nos assolam e nos perturbam.

Um mundo cuja fragilidade é uma marca importante, haja vista a situação política global que acaba em influenciar algumas democracias pelo mundo, tal qual a nossa, em que algumas questões que pareciam robustas e bem assentadas podem, com uma rapidez estonteante, se verem em perigo e sendo empurradas a beira do colapso por alguns atores sociais (Cascio, 2021) eleitos, ironicamente, pelo voto direto.

Mundo que, em questão de meses, viu-se tomado por um vírus aniquilador de milhares de vidas e destabilizador de incontáveis outras, antes mesmo que pudesse ser explicado. Cenário este, que acentua a ansiedade e a não-linearidade, acarreta de forma inevitável a percepção, cada vez mais acentuada, sobre o descontrole e o caos das mudanças que afetam diretamente nossas vidas. Tudo isso, desaguando na incompreensibilidade que advém desta instabilidade constante, dessas mudanças tão abruptas e

1 Brittle, Anxious, *Nonlinear* and Incomprehensible (no original).

2 Volatile, Uncertain, Complex and Ambiguous (no original).



disformes Incompreensibilidade que também se fortalece na dificuldade de discernir entre o fato e o fake, já que, pela manipulação digital, é tão fácil falsificar, de maneira crível, notícias, documentação, vídeos, áudios, narrativas e tudo o mais que se pensar.

Neste contexto, podemos observar a fragilidade que assombra inúmeros professores que viram durante a pandemia e, em muitos casos, pela “desculpa” da pandemia, seus empregos derreterem, sumirem ou serem reduzidos, com demissões, suspensões ou reduções de carga horária, uma vez que, para muitas instituições, o espaço virtual permitiu a fusão de várias turmas em uma só, a integração de unidades diferentes, ou a adoção do sistema EaD, o qual permitiu trocar vários professores por uns poucos.

Fora isso, como já discorrido, o preceito de produtividade excessiva que passou a nortear nossa vivência para além mesmo de nosso trabalho, o que gerou expressões corriqueiramente utilizadas

Essa insegurança quanto ao futuro profissional, contribui consideravelmente para a ampliação da ansiedade profissional, de quem se vê imerso nesta não-linearidade e no caos que se tornou o cenário educacional. No Ensino Superior, a pandemia acelerou ainda mais o movimento pela adoção dos 40% do EaD nos cursos presenciais, ainda que os resultados do Ensino Remoto sejam questionáveis quanto à qualidade dos resultados, como muitas pesquisas já têm apontado; e, ainda, que, em muitas situações, o interesse de implantação do percentual permitido pelo MEC, por meio da Portaria 2117, de dezembro de 2019, seja apenas interesse oportunista voltado à redução dos custos operacionais, embora revestidos do discurso escapista apelando

para a flexibilização e a modernização dos cursos, como um movimento inevitável. Fora que a modalidade EaD resguarda muitas diferenças em relação ao Ensino Remoto, especialmente quanto à relação direta do professor-aluno e quanto à presença de aulas ao vivo, durante toda a disciplina, como é o caso deste último³.

Fora isso, como já discorrido, o preceito de produtividade excessiva que passou a nortear nossa vivência para além mesmo de nosso trabalho, o que gerou expressões corriqueiramente utilizadas, tais como “otimização do tempo”, “ser mais produtivo”, “avaliação de desempenho”, “repensar sua produtividade”, “aproveitar cada segundo”, “não perder tempo”, “tempo é dinheiro”, “eficiência e eficácia”, “a utilidade da vida” atuaram para engendrar a sociedade do cansaço, pressuposta por Han (2017), o que, perceptivelmente, parece ter se radicalizado ainda mais com a pandemia e se capilarizado pelas engrenagens e redes do trabalho remoto e do home office. Como alerta Élio Gasda:

O alcance as tecnologias digitais através da informática emocional é cada vez mais totalizador. A inteligência emocional de baseia na conquista das singularidades do comportamento humano, chegando ao fundo da psique. Companhias privadas estão investindo em pesquisas de captação de estados emocionais psi-

3 Aliás, esses são aspectos qualitativos que o EaD brasileiro precisa aprender com a experiência do Ensino Remoto, de forma a torná-lo mais efetivo quanto aos objetivos educacionais e menos conteudista e distante; e já há algumas iniciativas neste sentido, pois algumas especializações que, antes da pandemia não tinham nenhum encontro síncrono com os estudantes ao longo das disciplinas de todo o curso, agora aprenderam que precisam realizar, ao menos a cada 15 dias, e usar formas de avaliação que não se reduzam a testes simplistas de múltipla escolha.



cológicos mais variados. É a guerra comercial pelo monopólio dos sentidos e dos afetos. Esse estágio avançado de capitalismo busca a monetização integral da vida humana. (Gasda, 2022, p. 293)

No caso do magistério, isso é bastante perceptível, uma vez que as escolas e universidades passaram a oferecer seu trabalho de forma remota, com os professores

O meio tem outras linguagens, outras configurações, outros planejamentos, outras formas de engajamentos e de motivação, e, por isso mesmo, demandam outros e novos letramentos e metodologias de ensino

trabalhando de casa e, junto a essa forma de trabalho, acirrou-se ainda mais a dissolução dos tempos e espaços de trabalho – para aludir a uma ideia de Bauman (2007) –, avolumando-se as demandas docentes, para além do espaço da sala de aula e do horário das aulas⁴, propriamente dito, pois em virtude das necessidades de atendimento aos discentes e também da manutenção das demais atividades e relações com os demais setores da instituição, estamos permanentemente disponíveis (queiramos ou não).

Dessa forma, a fronteira entre a sala de aula e o espaço-tempo do professor e da professora, que mesmo antes da pandemia já estava mudada, agora com a participação inevitável nestes grupos de “comunicação” e de “trabalho”, praticamente deixou de

existir. Professores e professoras passaram a ser acionados o tempo todo, a qualquer hora ou dia, pelos estudantes e colegas de trabalho, não apenas nestes grupos, mas especialmente no “privado”. Demandas de atendimento personalizado ao estudante, de orientação, de ajuda com alguma tecnologia, com o esclarecimento de atividades a serem cumpridas, postadas ou recebidas, e, até mesmo, de resolução de conflitos, todos eles envoltos, normalmente, em um caráter de urgência inadiável.

Ressalte-se, que, ainda que o papel primordial da escola não gire em torno simplesmente de informar, mas de produzir conhecimentos, a partir destas informações, e desenvolver capacidades ligadas ao saber, saber-ser, saber-fazer e saber-agir, a ideia de reprodução de conteúdo e de apresentar informações é uma motriz em muitas aulas, infelizmente. Não menos importante, é refletir a respeito de que, na tentativa de se encontrar um lugar de segurança nesta disrupção do presencial para o remoto, tão rápida e tão sem tempo para a preparação, muitas escolas e educadores tentaram simplesmente reproduzir no virtual aquilo que se fazia no presencial. Ao desconsiderar que o meio tem outras linguagens, outras configurações, outros planejamentos, outras formas de engajamentos e de motivação, e, por isso mesmo, demandam outros e novos letramentos e metodologias de ensino.

Quantas instituições reproduziram até mesmo os horários das aulas presenciais no virtual, indiferentemente do cansaço do estudante e do professor, da baixa atenção, pois as demandas da tela são muito diferentes e a falta de interrupções nas aulas, quer seja por questionamentos, participações ou mesmo indisciplina, tão comuns no

4 Embora a atividade docente exceda, em muito, o tempo e espaço da sala de aula apenas, o ensino remoto, na maioria das situações, ampliou em muito o tempo de dedicação do profissional e suas tarefas.



Ainda mais neste modelo mais passivo de Ensino Remoto, acabam resultando em mais conteúdo apresentado em cada aula e demandam mais materiais, mais tempo de preparação do professor e mais tarefas para os estudantes

presencial; ainda mais neste modelo mais passivo de Ensino Remoto, acabam resultando em mais conteúdo apresentado em cada aula e, conseqüentemente, demandam mais materiais para as aulas, mais tempo de preparação e de estudos do professor e mais tarefas para os estudantes. Talvez, este tenha sido um dos fatores que mais tenham contribuído para o já aventado menor resultado educacional do Ensino Remoto em relação ao ensino presencial: a tentativa de transposição literal de um fazer didático para outro tão distinto em muitos aspectos e o massacre do conteudismo desenfreado.

Entretanto, não se pode desconsiderar que esse presencial mais linear, altamente expositivo, voltado ao repasse de informações e reprodução de conteúdo e de provas como a forma privilegiada de avaliação, já havia sido e tem sido questionado no ensino presencial, em função da demanda por uma educação mais diversificada e mais ativa, na qual a construção de habilidades e de competências, por meio dos conteúdos, vem sendo proposta

como uma forma de se buscar maior efetividade da aprendizagem dos estudantes e como forma de lidar com a complexidade que o século XXI pressupõe.

Neste sentido, o que o Ensino Remoto fez foi dar mais visibilidade à baixa efetividade da aprendizagem, por meio de metodologias que implicam passividade e pouca diversificação, pelas avaliações passíveis de serem reproduzidas pelos estudantes, uma vez que nem sempre são apropriadas para o ambiente virtual ou são desafiadoras o suficiente, e devido à distância dos professores, estas últimas poderiam ser copiadas de outros colegas, de páginas da internet ou feita por terceiros.

Neste contexto, a isenção do MEC na promoção de uma política pública nacional que visasse prover os recursos, treinamentos, material de apoio e alinhamentos necessários foi extremamente deletéria e fragilizou ainda mais a atividade docente no país, gerando a incompreensibilidade em que, muitas vezes, nos vimos envolvidos. Ministério este, que se omitiu perante a demanda de pensar, estruturar e planejar esse Ensino Remoto Emergencial a cargo de estados e municípios, cada um a seu modo, e de entidades como o Conselho Nacional de Educação (CNE) que tentaram, na falta do provimento nacional, contribuir para que a educação pudesse, de alguma forma, ser ofertada e balizada.

A saúde de uma civilização depende do grau de capacidade humana de discernimento. Máquinas não têm discernimento, elas não têm “ideia” dos custos da governabilidade digital do trabalho . . . Onde está a ética? A tecnologia digital traz inúmeros desafios éticos que devem ser analisados num processo de reflexão. As tecnologias digitais estão configurando um modo de ser no mundo, construindo uma nova subjetividade, e não apenas modificando rapidamente o mundo do trabalho. (Gasda, 2022, p. 300)

Isso sem contar naquilo que vem stem sido chamado chamado pelas pesquisas como sendo a *Fadiga do Zoom*, que se refere ao esforço que fazemos nas videoconferências



Tudo isso, acaba em contribuir ainda mais para o cansaço e a fragilidade do professor

para perceber aqueles sinais não verbais que nosso cérebro precisa para a comunicação e que nas telas são mais discretos, já que normalmente apenas cabeça e parte do tronco dos participantes são visíveis, e isso quando as câmeras estão abertas; à impossibilidade de nos locomover durante a videoconferência, o que exigiu uma postura mais estática, para podermos ser captados pela câmera e pelo áudio; à apreensão e ao desgaste de nos sentir observados e ter que vigiar a própria linguagem e seu conteúdo o tempo todo; à sensação de que todos estão olhando para nós, o que de fato ocorre quando todos se mantêm vigilantes àquele que fala na videoconferência; e à quantidade de recursos que precisamos observar ao mesmo tempo como chat, áudio, sinal de internet, quem está falando, quem quer perguntar, se a câmera e o áudio estão ou não abertos, se material de apoio está reproduzindo ou compartilhando corretamente, como os slides e vídeos, por exemplo (Queiroz et al., 2021). Tudo isso, acaba em contribuir ainda mais para o cansaço e a fragilidade do professor.

4. O corpo, o virtual e os sintomas da nossa época

A dor não é apenas uma manifestação fisiológica, uma sensação desagradável proveniente de um estado anômalo do organismo. Ao contrário, ela emerge da interação de corpos, mentes e culturas, construções simbólicas que elaboramos sobre ela. Podemos perceber facilmente que sentir dor supera a separação que tanto fazemos em nossa cultura: aquela entre corpo e mente. Ela afeta as duas dimensões de forma simultânea, atingindo a totalidade do ser humano.

Michel Foucault, em seu livro publicado postumamente, *As Confissões da Carne*, nos mostra a concepção de corpo formada no ocidente e suas consequências: A “carne” deve ser compreendida como um modo de experiência, isto é, como um modo de conhecimento e de transformação de si por si, em função de uma certa relação entre anulação do mal e manifestação da verdade. Com o cristianismo, não se passou de um código tolerante aos atos sexuais a um código severo, restritivo e repressivo (Foucault, 2020, p. 73). Contudo, podemos vivenciar, inclusive dentro da dimensão da espiritualidade, uma relação mais apaziguada e menos neurótica, repressiva e violenta com o corpo. O corpo mantém em si a memória do sofrimento. A partir da experiência da dor, cria uma percepção e elabora conhecimento, como diria o filósofo francês, Maurice Merleau-Ponty.

No mundo contemporâneo, deslocamos o problema. Pensamos constantemente que algo deva ser realizado para que a performance do corpo alcance seu auge, seu nível ideal. Há uma sensação de que o corpo nunca esteja perfeito. A falta sempre está nos rodeando. As opções para cuidar do corpo são muitas, por isso mesmo nos culpamos frequentemente.

Nem Deus, nem tampouco a alma, ocupam mais este lugar de destaque na cosmologia íntima do sujeito na contemporaneidade – apenas o corpo. Portanto, se o bem supre-



O ideal da juventude é sempre o foco absoluto, imperativo de saúde, relacionado, é claro, ao ideal estética da beleza. E assim, produzimos mais pânico, angústia, neuroses... Eis os paradoxos da contemporaneidade!

mo se aloja no corpo, a saúde se transformou no nosso ideal supremo. Estamos, assim, num estado de estresse permanente (Birman, 2021, p. 70).

Como consequência, o estresse se situa no núcleo do mal-estar atual, caracterizando diversos sintomas psicossomáticos. Podemos dizer, entre outros, a síndrome de fadiga crônica, mediante a qual os indivíduos se referem à presença de um cansaço absoluto que se manifesta pela ausência de impulso vital e pela imobilidade corporal. Em seguida, é preciso evocar o pânico, que se transformou hoje numa modalidade destacada de mal-estar.

Na síndrome do pânico, as pessoas se queixam de uma angústia iminente de morte que as paralisa, pois são incapazes de reação. Os indivíduos são enredados num ataque de angústia que os impossibilita de agir . . . O fantasma da morte se impõe como uma certeza iminente. Daí o pânico que toma o corpo literalmente no sujeito. O olhar do outro instaura então toda a cena psíquica, como um intruso que o invade e perfura com suas exigências, diante das quais ele se sente impotente e sem os instrumentos capazes de responder àquelas demandas. (Birman, 2021, p. 73)

Nesse contexto, os tratamentos corporais assumem um lugar cada vez mais importante. Das massagens ao botox e tratamentos estéticos, adentrando os exercícios, ginásticas e danças, tais abordagens dispararam na preferência dos usuários, sem esquecer, é claro, os suplementos vitamínicos e os sais minerais que têm virtudes rejuvenescedoras. De modo parecido, “as academias de ginástica se transformam num dos templos seculares mais prestigiados, nelas os usuários vão comungar como fiéis em nome da longevidade e da beleza”.

O envelhecimento é visto como enfermidade, a morte deve ser sempre afastada. Dessa maneira, o ideal da juventude é sempre o foco absoluto, imperativo de saúde, relacionado, é claro, ao ideal estética da beleza. E assim, produzimos mais pânico, angústia, neuroses... Eis os paradoxos da contemporaneidade!

5. Conclusão

Por estar jogado no limite desse desamparo profundo, o sujeito experimenta a pulsão de vida estimulada na sua economia pulsional de forma intensa, e ao mesmo tempo organizada para neutralizar a pulsão de morte, de modo que o sujeito possa se deslocar de sua posição de desamparo.

O tempo em que vivemos trouxe maiores possibilidades de experiência. Hoje podemos estar conectados com tudo (ou quase tudo) o que acontece no mundo. As redes sociais permitiram o acesso a maior variedade e tipo de conteúdo. Isso fez com que, por



exemplo, nos últimos 10 anos, tivéssemos um crescimento exponencial de publicação de livros nas mais variadas áreas. Ao contrário de muitas apostas, o livro físico não acabou, ao contrário, expandiu, pois é também prático e surgiram novas áreas de interesse por parte de diferentes grupos. Basta notar a expansão de publicações nas áreas de gastronomia e vida saudável, dentre outras.

O livro físico porta a sua arte, sua especificidade, sua materialidade e mantém uma praticidade exigida em nosso cotidiano. O virtual não vai substituir o real, mas permitir interfaces. Dentro de todas as possibilidades de experiências, o desafio é cada um se encontrar. Será que todas as experiências ofertadas são para todos? Diante de tantas imagens, ideias e propostas, é preciso fazer uma boa reflexão, adentrando instâncias do passado, imagens, memórias afetivas. Lá estão pistas da nossa identidade, do nosso desejo. Lugares que habitamos, mas parecem inabitados. Não existe um sentido, mas os nossos sentidos.

Enfim, enfatizamos a posição estratégica ocupada pelo discurso da biopolítica (Foucault) na contemporaneidade, em nome do imperativo insofismável, da afirmação infinita, do axioma da vida; e a sua recusa pelos defensores sistemáticos do princípio da bolsa em conjunção com o imperativo da morte, marcados em suas dobras pelos ditames teológicos de ordem neopentecostal, que delineiam as linhas de força e as linhas de fuga que vão nortear decisivamente o nosso futuro como sujeitos, cidadãos e sociedade, no tempo histórico da pós-pandemia (Birmam, 2021, p. 153).

Referências

- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Jorge Zahar.
- Birman, J. (2021). *O sujeito na contemporaneidade*. Civilização Brasileira.
- Birman, J. (2021). *O trauma na pandemia do coronavírus*. Civilização Brasileira.
- Cascio, J. (2021). A educação em um mundo cada vez mais caótico. *Boletim Técnico Do Senac*, 47(1), 101-105. <https://doi.org/10.26849/bts.v47i1.879>
- Dentz, R. (2019). *Reflexões Contemporâneas: sobre o século XXI e suas complexidades*. Appris.
- Ferry, L. (2012). *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Objetiva.
- Foucault, M. (2020). *As confissões da carne*. Paz e Terra.
- Han, Byung-Chul. (2017). *A sociedade do cansaço*. Vozes.
- Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T., & Bond, A. (2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *Educause Review*. <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>
- Laureano, Delze dos Santos. (2015). *Direito das minorias: desafios epistemológicos*. Initia Via.
- Mol, D. J., Sávio, R., Alves, C., & Penzim, A. (orgs.). (2022). *O Novo Humanismo. Paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do papa Francisco*. Paulus.



- Palhares, I. (2021, 30 de Agosto). Professores de escolas privadas foram demitidos na pandemia. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/08/professores-de-escolas-privadas-ficam-sem-emprego-durante-a-pandemia.shtml>
- Queiroz, A. C. M., Nascimento, A., Fauville, G., Luo, M., Meirelles, F., Plank, D. N., Bailenson, J. N., & Hancock, J. (2021). Tradução, validação e aplicação da Escala ZEF (ZEF Scale) para avaliação da Fadiga Zoom na população brasileira. *SSRN*. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3844219>
- Ribeiro, A. E. (2018). *Escrever, hoje: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação*. Parábola Editorial.
- Streck, L. L. (2021, 19 de Agosto). Será que o EAD causou, mesmo, a “morte do Direito” no ano 194? *Consultor Jurídico*. <https://www.conjur.com.br/2021-ago-19/senso-incomum-ead-causou-mesmo-morte-direito-ano-194>